



O Instituto Camões reinicia a publicação da sua revista em contexto de renovação e reestruturação.

Com efeito, desde o número temático sobre Timor Lorosa'e, vicissitudes e dificuldades de ordem vária, nomeadamente acertos e ajustes na gestão de meios humanos e institucionais, impediram-nos de manter a periodicidade desejada.

Em tempo de crise generalizada e contenção de despesas públicas, o Instituto Camões tem procurado ajustar os seus instrumentos e orgânica a uma maior eficácia na prossecução dos seus objectivos primordiais: a defesa e a promoção da Língua e Cultura Portuguesas no vasto espaço geopolítico, onde quer que ela floresça, resista ou teime em implantar-se.

Os meios são escassos e as frentes, que vão da rede de docência e investigação à da inserção (de pleno direito) nos organismos internacionais de gestão e decisão económica e cultural, são múltiplos. O Português, língua histórica de convívio entre nações e etnias, é hoje também língua geoestratégica, pela opção feita em países de quatro continentes – onde é já língua viva ou incipiente, mais o será por ter sido escolhida língua oficial.

As vastas possibilidades que daí advêm tornam-se responsabilidades acrescidas.

«Enterrar os mortos, cuidar dos vivos.»

Esta terá sido a firme injunção de Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal, Ministro do Reino, confrontado com a catástrofe que assolou a capital e grande parte do país em 1755. O zelo que pôs na tarefa ainda hoje iguala a memória lisboeta do trauma.

Menos se reflecte sobre a sua capacidade

de transformar uma tragédia em pretexto de renovação da cidade e das suas infra-estruturas urbanísticas, o que a iria transformar, ao menos no seu tecido recuperado, uma das mais modernas e luminosas cidades da Europa do tempo. O projecto de dedicar um número da Revista Camões ao estadista ímpar e controverso, mais tinha a ver, ao início, com a proximidade física da nova sede do Instituto à Rotunda onde ele está em efígie. Uma espécie de aceno de boa vizinhança. O tempo, contudo, acrescenta áreas de significação ao que nos pode parecer aleatório: que outra figura mais adequada para tutelar a remodelação reflectida e urgente que estamos prosseguindo?

Lendo o excelente acervo das contribuições que nos foram chegando sobre a obra e a figura do Marquês de Pombal e sobre a sua influência na arquitectura, urbanismo e vida quotidiana, os dois eixos de reflexão interactuantes deste conjunto de textos, podemos fazer nossas as palavras finais da extraordinária peça de Agustina Bessa Luís: «Há só o homem e o enigma; e o nome escrito em papéis.»

Mas homem e enigma que marcam até hoje a nossa identidade de cidadãos.

Tentaremos num próximo número regressar enfim a Luís de Camões, sob cuja égide esta casa tem vivido desde o início. Será um número celebratório da concertação de competências, boas vontades e entusiasmos que subjazem ao fulgor e renovação de uma identidade cultural e linguística «pelo mundo em pedaços repartida».

*Maria José Stock*